

OS DIÁRIOS DE MARIE BASHKIRTSEFF E DE FLORBELA ESPANCA

Jonas Jefferson de Souza Leite¹

RESUMO: No universo da Escrita de Si a produção de diários tem se destacado principalmente como uma atividade feminina. Nesse cenário, os Diários de Marie Bashkirtseff (1887) e de Florbela Espanca (1930) encampam esta tradição de registro da vida. Com base nisso, propomos, através de uma pesquisa bibliográfica, evidenciar as semelhanças que os dois diários compartilham para poder, assim, problematizar as diferenças – que são formais e temáticas, com a consciência de que se deve investigar os processos autobiográficos de constituição de perfis calcados em uma realidade datada e apreensível, mas que se alargam do ponto de vista ficcional, resultando em personagens que se contrabalançam entre realidade e imaginação, consoante a função da Escrita de Si como mote para a tessitura de um “efeito autobiográfico” plasmado na forma diarística.

Palavras-chave: Diários; Marie Bashkirtseff; Florbela Espanca.

ABSTRACT: In the universe of Self-Writing the production of diaries has appeared mainly as a feminine activity. In that matter, the Diaries of Marie Bashkirtseff (1887) and Florbela Espanca (1930) follow this tradition of registration of life. Thus, we purpose, through a bibliographical research, to show the similarities between those two diaries in order to problematize the differences - which are both formal and thematic, keeping in mind that we must investigate the autobiographical processes of profile constitution based on a dated and apprehensible reality, although it grows at a fictional basis, resulting in characters who exist between reality and imagination, according to the function of the Self-Writing as a motto for the construction of an "autobiographical effect" merged in the diaristic form.

Keywords: Diaries; Florbela Espanca; Marie Bashkirtseff.

1 – INTRODUÇÃO

Há uma vastidão de gêneros que fazem da vida das pessoas o seu material composicional. Todas estas formas se vinculam a uma tradição escrita de registrar as experiências vivenciadas por si ou pelo outro. São, portanto, textos que partem de um referente real, não imaginário, mas sem a obrigação de recriar, via escrita, uma realidade textual fiel aos fatos manipulados no fazer desses gêneros.

¹ Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba.

Nesse diapasão, os diários de Marie Bashkirtseff e de Florbela Espanca² encampam uma tradição de fixar, via linguagem, a história de uma vida, num registro que se empreende na passagem dos dias.

Assim, biografias e autobiografias são formas distintas de registro da vida, mas nascem da mesma vontade de transpor para o papel aquilo que pode ser resumido como a “história de alguém”, seja essa *persona* objeto para a feitura do biógrafo, seja ela mesma o próprio referente, tornando-se biógrafa de si, numa narrativa “mediante a qual [se pode] objetivar [o] eu e [a] vida num plano artístico” (BAKHTIN, 2000, p. 165).

Nessa esteira de pensamento, Lejeune (2008, p.14) definiu a autobiografia como sendo a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua intimidade”. Por seu turno, em raciocínio análogo à definição citada, a biografia seria a narrativa, geralmente em prosa, que uma pessoa faz da vida de outrem, com foco na vida privada do biografado. Ou, conforme o pensamento de Vilas Boas (2002, p. 18), seria a “compilação de uma (ou várias) vida(s)”. Portanto, o que está no bojo dos dois gêneros é a escrita sobre uma vida, levada a cabo por motivações múltiplas, mas guardando esse denominador como característica comum.

Especificamente, a Escrita de Si se situa como uma das tradições mais antigas do Ocidente e “profundamente enraizada quando Agostinho começa a escrever as suas Confissões, que geralmente são citadas como o primeiro referente

² “O Diário que conhecemos de Florbela Espanca, abrangendo o período que medeia entre 11 de janeiro e 2 de dezembro de 1930 (portanto, terminando seis dias antes de sua morte), foi encontrado pelo marido da escritora em 1934; publicou-o inicialmente a Bertrand em fac-símile de 1981 com o título de Diário do último ano seguido de um poema sem título, acompanhado de um prefácio de Natália Correia [...] não são até à data conhecidas outras páginas da escrita diarística de Florbela” (MORÃO, 1997, p. 109). Com efeito, da lavra de Florbela há apenas o título Diário, sendo acrescentando o epíteto “do último ano” quando de sua primeira edição, permanecendo em edições anteriores, para acentuar justamente o caráter do último ano de vida da escritora.

“Marie Bashkirtseff (1858-84), filha de uma família da nobreza russa, nasceu na Ucrânia mas passou grande parte da sua breve vida a viajar pela Europa. Estudou pintura em Paris, onde produziu uma obra notável, quase inteiramente destruída pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Sob o pseudônimo Pauline Orrel, também escreveu para o jornal feminista La Citoyenne. Mas foram as suas cartas, e principalmente o diário que manteve desde os 12 anos, que a tornaram uma figura única no seu tempo”. (Texto disponível em: <http://aterceiranoite.org/2007/06/15/o-diario-de-maria-bashkirtseff/>).

de uma escrita autobiográfica” (KLINGER, 2012, p. 23). Porém, tal modalidade de escrita encontrou dificuldades de consolidação em razão de uma longa tradição literária que afastava os gêneros confessionais dos cânones.

Ademais, tais modalidades de escrita quase sempre acabaram sendo vinculadas ao imaginário feminino, pois, por muito tempo, o domínio masculino não permitiu que as mulheres participassem ativamente do cenário político e cultural, restando, portanto, formas de escrita consideradas “menores” para a atuação da mulher. Assim, os diários, como as cartas, foram instrumentos catárticos para as mulheres exprimirem seus sentimentos, reflexões interiores, bem como percepções da vida pública, da qual eram, quase sempre, afastadas.

A obra de Florbela Espanca tem dado mote a diversas perspectivas interpretativas, sob óticas teóricas múltiplas. Esse caráter vário permitiu diversas apreensões dos seus textos: seja, dentre outros aspectos, pela perspectiva feminista, estabelecendo diálogos entre a condição da mulher no início do século XX e a postura transgressora de Florbela a esses padrões; ou pelo resgate de um romantismo no qual o amor não era correspondido; ou, por outra via, sob viés erótico. Para além disso, não só a obra de Florbela tem causado fascínio em estudiosos e escritores: a sua vida pessoal também é motivo de inspiração para uma profícua produção de textos literários a partir de sua biografia.

Em outro lugar, a obra escrita de Marie Bashkirtseff não tem, na atualidade, encontrado tanta ressonância crítica. Apesar de sua vida breve, escreveu cerca de 16 volumes de diários³, feitos com a intenção de serem publicados, e, além disso, teve uma vasta produção epistolar. Na sua época, ganhou notoriedade por questionar a posição da mulher na sociedade. Após sua morte, a mãe de Marie cuidou para que os diários fossem publicados e, em 1887, foi publicado na França, em seguida, em 1889, traduzido para o inglês, com ótima recepção nos Estados Unidos. Tornou-se um *beste-seller* e foi vertido para várias línguas, inclusive o português. Extremamente importante para a consolidação de um gênero tido por anos como menor, ao ponto de ser considerada “muito além de seu tempo, como a Torre Eiffel” (LEJEUNE, 1997, p. 105), a obra de Marie tem passado despercebida entre os estudiosos que adentram o universo das Escrituras de si.

³ As edições que lastreiam o estudo são a brasileira de 1943, traduzida por Gilda Marinho da edição abreviada francesa e a edição francesa de 1922, composta por dois volumes.

No fragmento de 24 de janeiro de 1930, Florbela anotou em seu diário que Marie “queria o amor, queria a glória, o poder, a riqueza, a felicidade, queira tudo” (ESPANCA, 1987 [1930], p. 128). Guardadas as proporções, Florbela também se desenhava como alguém de grandes aspirações.

A partir deste ponto de intersecção entre os dois diários, propomos nosso estudo, com lastro na Escrita de Si e com a consciência de que se deve investigar os processos autobiográficos de constituição de perfis calcados em uma realidade datada e apreensível, mas que se alargam do ponto de vista ficcional, resultando em personagens que se contrabalançam entre realidade e imaginação.

Sobre o diário de Florbela, há um montante considerável de estudos e reflexões, inclusive dentro do paradigma da escrita de si. O mesmo não se pode afirmar do Diário de Marie. Sua obra de pintora e as cartas travadas com Guy de Maupassant aparecem de forma mais incisiva.

O Diário de Marie Bashkirtseff fez bastante sucesso no começo do século XX, sendo traduzido para diversos idiomas. No Brasil, a primeira edição é de 1943. A despeito desse sucesso, não há muitos estudos sobre a autora em nosso país e o livro ficou um tanto quanto obsoleto, sendo, portanto, o *Diário do Último Ano* o seu mais efetivo divulgador, pelo menos entre os estudiosos de Florbela.

2 – O DIÁRIO DE MARIE BASHKIRTSEFF E O DIÁRIO DE FLORBELA ESPANCA A LUZ DA ESCRITA DE SI

O ponto essencial para a consolidação do gênero diário foi, segundo Peter Gay (1998), a passagem de um ser coletivo – “no início os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem na esfera privada, depois individual, e, enfim, na mais secreta individualidade” (LEJEUNE, 2008, p. 261) – para um ser individual, desembocando na chamada “vida privada” e, ainda, estabelecendo uma noção de intimidade, que ditava modos novos para a escrita de caráter individual, pois

como a idéia de privacidade era até fisicamente impensável em famílias cujos membros eram obrigados a dormir juntos no mesmo quarto, algo comum no século XVIII. [...] Foram meros detalhes como quartos privados ou escrivaninhas com chaves, mas, no geral serviram para que a classe média respondesse à nova intimidade com confissões, viciando-se

em tudo que a remetesse à busca do “eu” no cotidiano e nas artes (GAY, 1998, p. 23-24).

Desta forma, pensando o diário como gênero propício ao registro e à confissão, é determinante a ideia do surgimento da privacidade para atender aos anseios de uma subjetividade agora calcada no “eu”, funcionando como um meio de satisfazer anseios interiores, ao mesmo tempo em que, à medida que se escreve um diário, necessariamente, acontece um registro da história, sobretudo por trazer em sua estrutura as datas dos escritos. No entanto, por não se tratar de um simples relato da vida, os fatos mencionados são, muitas vezes, inteligíveis apenas ao autor do texto, inseridos em uma zona de códigos e pistas compreendidas apenas por ele, já que estamos tratando de uma expressão da intimidade, do segredo. Em síntese, “o diário é uma série de vestígios. Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma seqüência de referências. [...] O diário é uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas” (LEJEUNE, 2008, p. 260).

Há, naturalmente, outras possibilidades que podem restar como um texto de diário, mas estamos tratando de escrituras que atendem ao caráter confessional e se situam em uma zona da vontade de, por múltiplas razões, fazer o registro das reflexões pessoais, do gesto de transpor para a escrita intimidades que não ousam aparecer em outros espaços. Por isso, podemos dizer que a privacidade encontrou nos diários uma forma de continuar obscura, mas dando vazão ao inquietamento da impossibilidade, por exemplo, das mulheres fazerem circular suas opiniões em outras formas de expressão. Essa aura secreta acompanha os diários, seja pela atitude de guardá-los num lugar secreto, conforme salientou Gay (1998), ou pela possibilidade de destruição do texto pelas mãos de seu próprio escritor.

Destoando dessa perspectiva, o Diário de Marie Bashkirtseff e o *Diário do Último Ano* apresentam-se como exemplares de diários feitos no afã de serem revelados, com a expressa vontade das autoras neste sentido. Outro ponto que torna esses dois escritos mais singulares é a questão do uso da autoficção para a constituição de um texto autobiográfico, não no sentido rigoroso do gênero, mas sob a forma de um “efeito”, resultado da engenhosidade literária das autoras. Por isso, elegemos os dois textos aludidos como *corpus* de nosso estudo, no intuito de ver com verticalidade questões que tocam à escrita de si e desembocam naquilo que nomeamos com “efeito autobiográfico”.

O Diário de Marie Bashkirtseff e o *Diário do Último Ano*, de Florbela Espanca encampam reflexões e registros que dizem de um escapismo, como se a salvação existisse na escrita. Mas, as singularidades desses diários (inclusive do ponto de vista formal) fazem deles textos que não podem ser totalmente enquadrados nos moldes canônicos do gênero, nem como vontade de expressar, particularmente, individualidades. É, de pronto, um texto dado aos outros: diários realizados no fito de serem conhecidos, lidos, o que contraria, em essência, o desejo primeiro desses escritos de permanecerem secretos, como se pode evidenciar a seguir no fragmento do prefácio do diário de Marie e no excerto do diário de Florbela, no dia 11 de janeiro de 1930. Ambos funcionam como uma espécie de conteúdo programático das intenções das autoras ao escreverem os seus diários:

Para que mentir e fazer pose? É verdade que desejo, ou, pelo menos espero ficar nesta terra. Se não morrer muito moça, espero ficar como uma grande artista. Mas se morrer cedo, deixarei, para ser publicado, o meu diário, que não pode deixar de ser interessante. – E, já que falei em publicidade, a idéia de ser lida um dia terá prejudicado, ou talvez anulado, o único mérito de tal livro? Não! Mil vezes não! – Primeiro, porque escrevi, durante muito tempo, sem pensar em ser lida, depois, porque foi justamente por esperar ser lida que me mostrei absolutamente sincera. Se este livro não fosse a exata, a absoluta, a estrita verdade, não teria razão de ser. Nele não somente digo sempre o que penso, mas jamais me passou pela cabeça a idéia de dissimular o que talvez me parecesse ridículo ou me fosse desfavorável. Aliás, julgo-me admirável demais para censurar-me. – Podem, pois, caridosos leitores, estar certos de que me exponho, nestas páginas, toda inteira. (BASHKIRTSEFF, 1946 [1873], p. 7).

Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas, o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões, impressões, idéias, maneiras de ver, de sentir – todo o meu espírito paradoxal, talvez frívolo, talvez profundo. (...)

Não tenho nenhum intuito especial ao escrever estas linhas, não visio nenhum objectivo, não tenho em vista nenhum fim. Quando morrer, é possível que alguém,

ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que eu julguei ser. E realize o que eu não pude: *conhecer-me*. (ESPANCA, 1987 [1930], p. 125-126 – grifos da autora).

Atente-se para o fato de que as duas autoras são artistas: Florbela, escritora e Marie, pintora. E os diários perpassam esse fato no desejo de transcendência e de fixação de duas existências que não poderiam ficar “apenas” espaiadas nas pinturas de Marie, nem na fortuna literária de Florbela: elas ansiavam mais e julgavam ser importantes neste mundo, como “uma corajosa rapariga, sempre sincera consigo mesma!” (ESPANCA, 1987 [1930], p. 125), numa clara aceção de que estes dois textos são um “monumento literário e humano” (BASHKIRTSEFF, 1943 [1873], p. 7).

Para além do fato de escreverem diários, Marie e Florbela têm em comum a centralização do “eu”: escrevendo sobre si, consideram o mundo, numa patente defesa daquilo que se é. Assim, “o diário não era só uma válvula de escape, mas um pedido de imortalidade secular” (SAVAGE, 2009, p.20). A observação do teórico é sobre o diário de Marie, mas, por extensão, pode se aplicar ao de Florbela, pois ambos se notabilizam pelo orgulho imenso em registrar aquilo que julgavam ser.

Assim, os dois exemplares de diário apontam para a construção de um perfil autobiográfico das duas escritoras, delineados na forma diarística, mas forjados à luz de um sempre leitor em potencial e com escopo na Escrita de Si, no empenho de fixar, através da escrita, percepções autobiográficas que não queriam se diluir no tempo e “ficar nesta terra”, como bem sentenciou Marie.

De um ponto de vista formal, os diários precisam, necessariamente, do registro do tempo, não importando a maneira, é indispensável à inserção das datas, mesmo que de forma esparsada. Tal elemento é o grande marcador dessa modalidade, pois fragmenta o tempo em acontecimentos que se registram no decurso dos dias ali inseridos, daí que “o diário é, em primeiro lugar, uma lista de dias, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo” (LEJEUNE, 2008, p. 261 - grifos do autor), e, ademais, “a forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa,

lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo” (LEJEUNE, 2008, p. 261).

Outra questão mais ampla, concernentes às escritas autobiográficas, também aqui nos serve para uma compreensão das formas diarísticas: é a confluência entre o autor do texto e a personagem que se cria internamente no diário, devendo ter

identidade onomástica entre o autor, o narrador e o personagem. Como a homonímia é um critério insuficiente para distinguir estas modalidades, é preciso levar em consideração toda uma série de “operadores de identificação”, quer dizer, outras marcas além do nome que permitam identificar o autor com o narrador: idade, meio socioeconômico, profissão, aspirações etc. as diferentes formas textuais utilizam de variadas maneiras a relação dos nomes e destes elementos “operadores de identificação” com a finalidade de mostrar identidades, assinalar diferenças ou produzir confusão entre autor e narrador. (KLINGER, 2012, p. 41).

No *Diário do Último Ano* e no *Diário de Marie Bashkirtseff*, podemos perceber a criação de uma personagem calcada na figura referencial das autoras. Portanto, a Florbela do Diário não é a Florbela de “carne e osso”, mas decorre desta. A primeira não poderia existir, dentro da lógica do Diário, sem a pré-existência da segunda. A mesma coisa se aplica à Marie, numa clara distinção entre aquela que escreve e aquela que está no diário. A autorreferência é comum em textos de diários e corrobora a articulação entre autoras e personagens, singularizadas pelo aspecto referencial e separadas pela ação dos papéis assumidos em cada passo da escrita.

Mas, a associação do diário à autobiografia não é automática. Como gênero propício ao registro do tempo, é natural que o autor possa querer escrever sobre qualquer elemento que lhe aprouver, seja a experiência no trabalho, as aventuras de uma viagem ou suas percepções frente aos acontecimentos históricos, sem que se ventile o elemento autobiográfico. Não obstante, é totalmente plausível que o diário trate de elementos biográficos, fundado justamente no registro factual e fragmentado das datas, da vida do autor do texto, inscrevendo um registro deveras parcial, em que o elemento autobiográfico vem a lume sob tal forma.

Assim, a rigor, o diário e a autobiografia são expressões distintas de narrar a vida, assemelhadas pela vinculação à Escrita de Si. O primeiro é visto como um registro dia a dia, normalmente datado, daquilo que o autor julgou ser importante e quis escrever. Já a segunda forma, ao contrário, diz respeito a uma dimensão de registro ou recuperação de um tempo passado refeito pela escrita. No entanto, essas duas modalidades podem dialogar e resultar em um texto que possua características de ambas as modalidades.

O termo “autobiografia” remete a um modo particular de narrar a vida, através da compreensão do passado, diferentemente dos diários que são calcados no registro do momento: “Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Dentro da acepção do termo em destaque, há outra semântica mais abrangente: a de perceber a autobiografia como uma modalidade maior que congrega as diversas manifestações literárias da Escrita de Si. Nesse sentido, a autobiografia é um atributo das narrativas de si e não se confunde com a autobiografia enquanto gênero propriamente dito, que também terá, conseqüentemente, o efeito autobiográfico.

Apesar da eventual confusão gerada pela homonímia, as duas formas são diferentes, ainda que complementares. Em outras palavras, os Diários de Florbela e de Marie não são uma autobiografia enquanto forma, mas são autobiografias enquanto efeito, pois os referidos textos articulam elementos da ordem do vivencial e oferecem certa compreensão, das vidas das autoras, desembocando em um texto autobiográfico em forma de diário.

Assim, além de ser um gênero da “constelação autobiográfica” (KLINGER, 2012, p. 34), a autobiografia também deve ser entendida como “uma *figura de leitura ou do entendimento* que se dá, de alguma maneira, em todo texto” (KLINGER, 2012, p. 35 – grifos da autora). Portanto, “cada *narrativa de si* se posiciona de diferente maneira segundo a ênfase que coloque na exaltação de si mesmo, na autoindagação, ou na restauração da memória coletiva” (KLINGER, 2012, p. 21 – grifos da autora) e, independentemente da forma e da estratégia de se narrar, será constatado o efeito autobiográfico, inerente à Escrita de Si.

Mas, no caso dos diários, não são em todos os exemplares que resta um efeito autobiográfico. É necessário que o elemento vivencial esteja espalhado no escrito. Um diário que conte as aventuras de uma viagem, por exemplo,

difícilmente terá o efeito autobiográfico, mesmo atendendo ao caráter do registro dos dias, pois “existe evidentemente o diário puro, sem reconstrução autobiográfica” (LEJEUNE, 2008, p. 273), não sendo o caso dos diários aludidos, lastreados por elementos que permitem perceber traços vivências das duas autoras: o de Marie de forma mais ampla, haja vista o largo tempo de escrita, dos 12 aos 25 anos; já o de Florbela, uma compreensão mais sintética, em virtude de ser escrito em apenas um ano – traço essencial da distinção formal dos diários.

Se entendermos que o efeito autobiográfico, conforme já apontamos, é inerente à Escrita de Si e se pensarmos esse efeito em uma autobiografia (nos referimos à forma) é muito provável que apareça de modo claro, pois, nessa modalidade, os fatos manejados são como pertencentes a uma esfera propriamente biográfica, pois a autobiografia se engendra pela revisitação ao passado, num registro que tenta abarcar a existência da personagem, mesmo que seja impossível, em termos práticos, “apresentar a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa” (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 17). Já nos diários, pelo seu apego ao momento, a delimitação da matéria biográfica é menor, o que acarreta num efeito biográfico limitado ao contexto de produção do diário, mesmo que o escrito remeta a um tempo anterior.

Portanto, para alargar a compreensão do efeito autobiográfico é necessário lançar mão do conceito de autoficção. Sem essa lente, é provável que o efeito autobiográfico seja reduzido apenas a uma dada alteração de humor vivenciada por Florbela no ano de 1930 ou pela coleção de fatos mencionados por Marie ao longo de 13 anos. Assim, por estes caminhos que “a ficção nos aproxima muito mais *da verdade* do que o mero relato sincero do que aconteceu” (SANTIAGO *apud* KLINGER, 2012, p. 35). Dessa maneira, podemos ver esses diários como um tipo de “relato de si que coloca armadilhas, brinca com as pistas referenciais, dilui os limites” (ARFUCH, 2010, p. 137).

O termo *autoficção* foi criado em 1971 pelo teórico francês Sergue Doubrovsky, quando “decidiu escrever um romance sobre si próprio. Ele criou o neologismo de *autofiction* para qualificar seu livro *Fils*” (FIGUEIREDO, 2007, p.56), definindo que “a autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando, no sentido estrito do termo, a experiência de análise, não somente no tema, mas também na produção do texto” (DOUBROVSKY *apud* KLINGER, 2012, p. 47). Portanto,

a *ficção de si* tem como referente o autor, mas não como pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente. Personagem que se exhibe “ao vivo” no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagado sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação (KLINGER, 2012, p. 57).

Assim, na medida em que não se presta àquela busca por uma “essência” daquele que escreveu, tal modalidade de escrita, suscita dúvidas sobre sua verificabilidade no âmbito referencial – ou seja, ela não é, como também o Diário de Florbela e de Marie, uma pista serena e segura sobre fatos de uma vida –, e, mais ainda, também guarda dúvidas sobre sua verossimilhança, tornada bastante distante da noção de verossímil romanesco, por exemplo, na medida em que abre um questionamento sobre as noções de *verdade* e *sujeito*.

REFERÊNCIAS

- ARFUNCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BASHKIRTSEFF, Marie. **Journal de Marie Barshkirtseff**. 2 vols. Paris: Pasquelle, 1922.
- _____. **Diário de Marie Bashkirtseff**. Porto Alegre: Edições Globo, 1943.
- CORREIA, Natália. Prefácio. In: ESPANCA, Florbela. **Diário do Último Ano**. Amadora: Bertrand, 1981.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Florbela: um caso feminino e poético. In: ESPANCA, Florbela. **Poemas**: Estudo introdutório, organização e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. IX-XLIV.
- _____. Apresentação: Cenas de uma vida intensa. In: NORONHA, Luzia de Machado Ribeiro de. **Entre retratos de Florbela Espanca**: uma leitura biografemática. São Paulo: Anablume, 2001. p. 9-12.
- _____. **Florbela**: as primeiras apropriações da obra e da biografia. In: BUENO, Aparecida de Fátima et al. *Literatura Portuguesa: história, memória e perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 183-198. <http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2007/01_artigo_maria_lucia_dal_farra.pdf> Acesso em: 03 de mar. 2014.

_____. **Diário**. In: ESPANCA, Florbela. *Afinado desconcerto: contos, cartas, diário*. Estudo introdutório, apresentações, organizações e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: luminuras, 2012. p. 316-388.

_____. Dados biográficos de Florbela Espanca. In: ESPANCA, Florbela. **Afinado desconcerto: contos, cartas, diário**. Estudo introdutório, apresentações, organizações e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: luminuras, 2012. p. 68-76

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Gallimard, 2007.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2009.

ESPANCA, Florbela. **Diário do Último Ano**. Amadora: Bertrand, 1981.

FIGUEIREDO, Eurídice. Dany Laferrière: **autobiografia, ficção ou autoficção?**, Interfaces Brasil/Canadá, Rio Grande, n. 07, p. 55-70, 2007.

_____. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

GAY, P. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. **Diários de garotas francesas do século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário**. Cadernos Pagu, n. 7-8, pp. 99-114, 1997. Disponível em: <file:///D:/Downloads/cadpagu_1997_8.9_4_LEJEUNE%20(1).pdf> Acesso em: 12 out. 2014.

_____. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MORÃO, Paula. Florbela: o Diário de 1930. In: LOPES, Oscar, et al. **A planície e o abismo: actas do Congresso sobre Florbela Espanca realizado na Universidade de Évora de 7 a 9 de dezembro de 1994**. Évora: Vega, 1997. p. 109-118.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

_____. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

Recebido: 30.05.15 | Aprovado: 25.07.15